



APRENDENDO LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: APRENDER PARA NÃO EXCLUIR

Learning LIBRAS in non-formal spaces: learning
for not exclude

Reana da Silva de Souza¹
Keliene Bolhosa de Oliveira¹
Kelly Dayany de Souza Pará¹
Ticiane Viana da Costa¹
Francisca Keila de Freitas Amoedo²

(Recebido em 02/12/2013; aceito em 16/10/2014)

RESUMO: A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é uma língua gestual visual usada pela comunidade surda e que hoje faz parte da grade curricular dos cursos de licenciatura. Sendo assim, pretendeu-se através deste, levar uma reflexão e discussão a cerca do tema abordado tendo como ponto de partida a inclusão a partir de uma concepção construtivista da aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi desenvolver a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS em espaços não formais, onde as pessoas ouvintes conheceram a realidade vivenciada pelas pessoas surdas, tendo como foco principal construir conhecimentos acerca da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, do ser surdo, quebrando o estigma da deficiência, através do reconhecimento da sua cultura e da sua identidade. Os procedimentos que nortearam este trabalho se deu através do projeto de extensão intitulado “Aprendendo LIBRAS em espaços não formais: aprender para não excluir”, sendo realizado em praças, igrejas, casas, entre outros, incentivando o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais. Desta forma, a aquisição da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais em espaços não formais se traça por meio da efetivação e do diálogo entre todos.

Palavras chave: LIBRAS, inclusão, espaços não formais e sociedade.

ABSTRACT: The Brazilian Sign Language (LIBRAS) is a visual gestural language used by the deaf community and currently included in the National Curriculum of undergraduate courses. Therefore, it was planned through this work to consider and discuss about this theme, based on the inclusion in a constructivist conception about learning. Thereby, this work aimed to perform the Brazilian Sign Language in non-formal spaces, where hearing people met the reality experienced by deaf people; focusing on to build knowledge about the Brazilian Sign Language (LIBRAS); breaking stigmas concerning the disability through recognition of their culture and identity. The guiding procedures of this work comes from the Extension Project entitled “Leaning LIBRAS in non-formal spaces: learning for not exclude”, being held in main squares, churches, houses and among others, encouraging them to learn the Brazilian Sign Language. Consequently, the use of LIBRAS (Brazilian Sign Language) in non-formal spaces through the adoption and dialogue among all.

Keywords: LIBRAS, Inclusion, Non-formal spaces and society.

¹ Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. Parintins, Brasil. E-mail: reana_s2@hotmail.com, kelly_ane13@hotmail.com, kellyday_1389@hotmail.com, viana_ticiane@hotmail.com

² Professora especialista em Educação Especial da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CESP. Brasil. E-mail: keilamoedo@hotmail.com

Introdução

O processo de inclusão traz como proposição básica a educação para todos, uma vez que, o direito do aluno com Necessidades Educacionais Especiais – NEE é um direito constitucional. No entanto, sabe-se que a realidade desse processo inclusivo ainda é bem diferente do que se propõe na constituição e requer ainda muitas discussões relativas ao tema.

Partindo disto, existe uma discussão em torno da inclusão criando ainda infundáveis polêmicas entre os profissionais que atuam como agentes ao atendimento às pessoas com deficiência. Entretanto, entender sobre a inclusão de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, a partir de uma concepção construtivista de aprendizagem e também considerar o ensino como algo que possibilita a transformação e a evolução gradativa da aprendizagem e do desenvolvimento de todos se torna algo bastante complexo.

Para isso, é necessário refletir sobre as questões da qualidade de ensino no processo educacional de todos os alunos, com ou sem deficiência, incluindo principalmente os educandos e educadores, através da perspectiva sociocultural significando que nós temos que considerar, dentre outros fatores, a visão ideológica de realidade construída sócio e culturalmente por aqueles que são responsáveis pela educação.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi levar ao conhecimento a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS em espaços não formais, propiciando a ciência em vários contextos para a comunidade Parintinense, onde as pessoas ouvintes conheceram a realidade vivenciada pelas pessoas surdas, tendo como foco principal construir conhecimentos acerca da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, do ser surdo, quebrando o estigma da deficiência, e o princípio que norteou este projeto é o sócio-interacionismo, pois professor e aluno interagem com a comunidade através do ensino da Língua de Sinais, permitindo que a comunicação das pessoas surdas aconteça com mais rapidez e eficiência entre as pessoas que dela fazem uso.

Procedimentos Metodológicos

O projeto Aprendendo LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais em espaços não formais: aprender para não excluir foi realizado durante um ano em espaços não formais do Município de Parintins, sendo estes: praças, igrejas, casas de pessoas surdas que participavam e realizavam o projeto juntamente com as extensionistas do mesmo. No qual, as pessoas ouvintes que desejavam aprender LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais tiveram aulas práticas com dois professores surdos que se dispuseram a contribuir com as aulas durante todo o período decorrente do projeto.

Também, o projeto abordou diariamente diversos conteúdos sobre o ensino de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais nas casas dos participantes, no caso das pessoas surdas que cederam suas casas três vezes na semana, sendo segunda-feira, terça-feira e quarta-feira para a realização das aulas, onde os conteúdos foram sobre: Histórico da surdez; Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo; datilologia; alfabetos manuais para crianças, jovens e adultos; parâmetros primários e secundários; classificadores e sinais; representações de cores, números; pequenos diálogos em LIBRAS e atividades práticas para o ensino de LIBRAS em espaços não formais, principalmente em espaços não institucionalizados.

Já nas praças, eram feitas apresentações de danças, músicas e também ocorriam diálogos entre ouvintes e pessoas surdas. Na igreja, as professoras que são intérpretes de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais nas escolas repassavam para as pessoas surdas que estavam na missa toda a celebração.

Tendo em vista que a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais também é uma língua, observa-se que tal língua tem suas normas, padrões e regras próprias. Seus sinais são formados pelo movimento e pelas combinações das mãos com o espaço em frente ao corpo, isto é, não se pode fazer sinais sem ser no espaço adequado em frente ao corpo, pois isso impossibilita que a pessoa surda entenda qual é o sinal que se está fazendo.

Segundo Brito (1995), “a estrutura da Libras é constituída de parâmetros primários e secundários: configuração das mãos, ponto de articulação, movimento e disposição das mãos, orientação da palma das mãos, região de contato e expressões faciais”, ou seja, existem várias questões que conferem à Libras – Língua Brasileira de Sinais uma organização dos movimentos gestuais e das expressões por ela transmitida.

Vale ressaltar, que as mãos assumem diversas formas para a realização de um sinal. De acordo com estudos apresentados pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos - INES são 63 posições diferentes dos dedos e da mão que possibilitam que uma pessoa ouvinte aprenda e pratique a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais com as pessoas surdas, pois irá subsidiar conhecimento, diálogo, aprendizado e, principalmente a inclusão.

A LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais também é independente da Língua Portuguesa, haja vista que quanto mais cedo uma pessoa surda aprender a Língua de Sinais, mais facilmente ela terá conhecimento do mundo e mais rápido será a sua aprendizagem, ou seja, a aprendizagem da Língua de Sinais por uma pessoa surda acontece naturalmente, assim como quem ouve aprende a língua oral de seu país. Então, se desde criança as pessoas surdas fizerem parte de associações de surdos, da comunidade surda e, principalmente, a família querer aprender a Língua de Sinais através de projetos sempre será de grande importância para as pessoas que trabalham e que tentam passar os seus conhecimentos sobre a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais para a sociedade.

Para tanto, as atividades que foram realizadas pelas acadêmicas bolsistas juntamente com as acadêmicas voluntárias, tiveram acompanhamento da coordenadora do projeto. No qual, houve primeiramente a fase do planejamento com as extensionistas que durou todo o percurso do projeto, para elaboração de atividades lúdicas, de oficinas, de materiais didático-pedagógicos, de textos com cada palavra com o seu sinal, dentre outras atividades que subsidiaram este, onde foi de grande relevância para o processo de interação e mediação de trocas de saberes.

Obviamente, enfrenta-se um desafio muito grande em se trabalhar a inclusão, principalmente fora de sala de aula, pois tomar a escola que é um espaço aberto e adequado ao ensino inclusivo faz com que tal escola não possibilite ao aluno conhecer a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, nem outros métodos que potencializam o desenvolvimento de uma criança, jovem ou adulto com qualquer tipo de deficiência.

Todavia, para se saber e até mesmo compreender o que está acontecendo atualmente fora do contexto escolar, e não somente o que estar inserido nele, é

necessário que sempre se tenha um projeto deste poste para esclarecer ainda mais como é o processo de inclusão das pessoas surdas na sociedade, devido ter várias situações que são vivenciadas por estas pessoas e pelas suas famílias por muitas vezes não saberem se comunicar através da língua principal da pessoa surda que é a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

E o projeto compilou todos estes contextos, principalmente o familiar e o escolar, onde se obteve um ensino de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais mais significativo para as pessoas surdas e para os ouvintes, pois observamos que os professores surdos que ministraram as aulas e os surdos que participaram das mesmas ficavam bastante realizados ao ver que as pessoas ouvintes se interessaram em aprender a língua materna deles, e isso é de grande importância para a inclusão e o reconhecimento do valor dos surdos na sociedade.

Com isso, a proposta de se trabalhar em espaços não formais veio da necessidade de compartilhar saberes fora de um espaço institucionalizado, pois propicia diálogos dinâmicos, compreensíveis, não monótonos, no qual todos interagem na mesma sintonia, deixando de lado medos e receios. Identificamos que uma aula não formal desperta um maior interesse das pessoas em adquirir conhecimentos sobre determinado assunto.

Segundo Gohn (2006, p. 28) a educação informal se dá “como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”. Entende-se que os espaços não formais partem de culturas próprias de um povo e, a comunidade surda juntamente com os idealizadores do projeto buscaram sempre promover o aprendizado a partir de uma interação informal que ao mesmo tempo buscava o saber sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Diante disso, a inclusão na visão de Mantoan (2006, p.19) “implica uma mudança de perspectiva educacional, porque não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”. Por isso, a importância de se conhecer a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e os leques de oportunidades de comunicação com uma pessoa surda, fazendo amizades, dialogando, conhecendo realmente a realidade da pessoa surda em espaços não formais e, não somente nas escolas ou órgãos formais.

Resultados e Discussão

O projeto Aprendendo LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais em espaços não formais: aprender para não excluir foi oferecido às pessoas ouvintes que desejavam aprender de maneira básica a Língua Brasileira de Sinais para a comunicação com uma pessoa surda e principalmente conhecer uma nova língua. Tendo em vista que precisamos quebrar os paradigmas que insistem em entrelaçar nossas ações perante uma pessoa com surdez. Isso acontece muitas vezes pela falta de informações sobre essa língua, com isso dificulta a pessoa surda de usufruir de seus direitos enquanto cidadãos que também formam a sociedade em que vivemos.

Para tanto, ao longo de 01 ano de experiências na vigência do projeto, percebemos que as pessoas ouvintes conquistaram o interesse em aprender, em se aperfeiçoar ainda mais para utilizar a Língua Brasileira de Sinais em algum momento de sua

vida, pois sabemos que de certo modo podemos nos deparar com determinadas situações e temos que nos sobressair de forma que não **constrinja** ninguém.

Carvalho (2004, p.69) adverte que “o valor da equidade, associado ao de igualdade de direito, permite, sem prejuízo da qualidade, diversificar as repostas educativas das escolas, em respeito às diferenças individuais”, e este é o grande desafio que temos nos dias atuais dentro e particularmente fora da escola, pois presenciar o que acontece na casa de uma pessoa surda, as condições que ela vive ou o que ela passa de preconceitos é extremamente ofuscante para que se realize um projeto que envolva a comunidade para que possibilite a verdadeira inclusão que tanto falamos.

Acredita-se que o ponto de partida para a superação destes obstáculos é o reconhecimento de que toda pessoa é única e diferente, com suas competências, aptidões e inaptidões, erros e acertos, particularidades, singularidades, individualidades, personalidades e, uma pessoa surda não é diferente, pois ela tem a sua especificidade, na qual se dá na condição dela enquanto um ser humano como de qualquer pessoa sem deficiência.

Partindo deste princípio, o ensino para todos é de qualidade, as ações educativas se pautam por colaboração e compartilhamento do processo educativo com todos os sujeitos que estão diretos ou indiretamente envolvidos, e isso não é diferente na LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, pois possibilita que o ouvinte através dos seus conhecimentos sobre a língua tenha a capacidade de interpretar e dialogar com uma pessoa surda.

Ressalta-se que as reuniões de planejamentos que houve durante todo o percurso do projeto no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP/UEA, onde ocorria nas últimas sextas-feiras de todo final de mês, para que evidenciássemos os pontos positivos e negativos dos trabalhos desenvolvidos, possibilitando dar opiniões, ideias, propostas para novos conteúdos a serem trabalhados com as pessoas que participavam das aulas, proporcionando um diálogo sadio, de novas metodologias a serem exercitadas, propondo também melhorias para se trabalhar nas praças quando houvesse algum evento, procurando concomitantemente métodos para a interpretação nas igrejas para que a pessoa surda não visse a ser o centro de tudo, mas sim a celebração da missa em geral, entre outros assuntos.

Mantendo os pressupostos, para que alcançássemos os objetivos estabelecidos na realização de todo o projeto, utilizamos várias estratégias para a integração do mesmo nas perspectivas de ensino, pesquisa e extensão, pois foi desta maneira que deu-se consistência os assuntos, a disponibilidade de tempo que os participantes e as extensionistas dedicaram para que o projeto aprendendo LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais desse realmente certo e não ficasse somente no papel.

Vale destacar que o papel e trabalho das extensionistas foi incansável, pois criar e preparar materiais que chamassem atenção dos participantes que, muitas vezes eram crianças é algo complicado, porém tem um retorno positivo. E, principalmente o esforço dos participantes das aulas em querer aprender os sinais básicos e ter um diálogo com os professores que voluntariamente estavam ali e as pessoas surdas que também frequentavam as aulas e os eventos que nos convidavam.

Ressalta-se que elencar todos esses fatores tem sua complexidade, porém é gratificante contribuir para que haja interação entre a pessoa surda e o ouvinte,

propiciando algo novo na vida do ouvinte e contribuindo na inclusão da comunidade surda na sociedade.

As atividades realizadas na Praça Sagrado Coração de Jesus foi essencial para o desenvolvimento do projeto, onde primeiramente houve a missa com intérpretes de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais para que as pessoas surdas pudessem acompanhar a celebração, e depois foi feita a apresentação de músicas em sinais com a participação das pessoas surdas para o público presente na referida praça.

Através do aprendizado da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais podemos perceber que amplia-se a comunicação entre as pessoas surdas e ouvintes propiciando a interação e a cooperação entre os mesmos, sendo um elemento imprescindível a aprendizagem e a auto-estima, bem como elementos indispensáveis para a efetivação de uma sociedade inclusiva. Segundo Mittler (2003, p. 36):

A rua de acesso à inclusão não tem um fim porque ela é, em sua essência, mais um processo do que um destino. A inclusão representa, de fato, uma mudança na mente e nos valores para as escolas e para a sociedade como um todo, porque subjacente à sua filosofia está aquele aluno ao qual se oferece o que necessário.

Seguindo a linha de raciocínio pode-se dizer que, em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, tanto dentro quanto fora da escola, à proposta maior é que a educação inclusiva em geral fique com mais evidência perante a sociedade, fazendo com que se concretize e incorpore todas as recomendações tratadas na legislação nacional, para que assim possam constatar que não há impedimentos para que a inclusão evolua e alcance novos olhares.

Importante ainda ressaltar que, a Portaria do MEC nº 1.679, de 02/12/99 “dispõe sobre requisitos de acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência, para instruir os processos de reconhecimento de cursos e de credenciamento de Instituições de Ensino Superior”, daí a importância de se fazer um projeto que integre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS na Universidade para que seja exposto a comunidade, pois tem que haver o comprometimento de apresentar o projeto a todos para a sua verdadeira implementação. Para Sasaki (2001, p. 1):

Para garantir que as medidas de acesso e permanência na universidade sejam implementadas de acordo com a nova visão de sociedade, de educação e de cidadania em relação à diversidade humana e às diferenças individuais – todas as pessoas devem ser aceitas e valorizadas pelo que cada uma é como ser humano único e com os atributos que cada um possui para construir o bem comum, aprender e ensinar, estudar e trabalhar, cumprir deveres e usufruir direitos e ser feliz.

Entende-se que tais medidas facilitarão o acesso da pessoa surda ou com outra deficiência na educação básica e superior e, sobretudo na sociedade, através da valorização, sem qualquer barreira de questões econômicas, sociais, políticas ou de limitações pessoais. Haja vista que o acesso é de extrema importância para as pessoas com deficiência, pois tais pessoas tem o direito ao acesso as repartições públicas e privadas, as escolas, as universidades, enfim, a todos os lugares que elas queiram estar e se sintam bem.

Mediante todas as questões apresentadas, “é primordial valorizar as diferenças humanas e aprender com o diferente, não pela diferença que a sua deficiência

impõe, mas pela singularidade de sermos diferentes enquanto condição humana que é intrínseca a cada um” (ALVEZ, 2010), ou seja, terá um sucesso educacional, social e cultural se as oportunidades de se aprender LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais atenderem as necessidades de todos, e não somente de uma minoria que não faz nada para que se amplie o processo educacional também em espaços não formais.

Considerações Finais

Com a realização deste projeto, entendemos que se faz necessário o ensino de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais em espaços não formais para se adquirir realmente conhecimento científico e haver ciência na sociedade em que vivemos, pois por meio deste pode-se receber as pessoas com e sem necessidades educacionais especiais fora das instituições de ensino, levando o aprendizado que se faz indispensável na vida de cada um.

Desta maneira, foi relevante a realização deste projeto, pois se teve como meta levar o ensino de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais a comunidade em geral, favorecendo a comunicação e a interação entre as pessoas surdas e as sem deficiência, incentivando o processo de inclusão na sociedade. Sendo que, a partir deste trabalho pôde-se conhecer quais fatores que dificultam o desenvolvimento das pessoas com necessidades educacionais especiais em espaços não formais, partindo das evidências, que apontam as pessoas surdas e o envolvimento das mesmas nas atividades escolares e no seu meio cultural.

Portanto, acredita-se que se faz necessário buscar o envolvimento das pessoas ouvintes e surdas, procurando outras estratégias de ensino para que haja a inclusão onde quer que estejam objetivando um bom aprendizado e oportunidades de conhecimentos. Vale ressaltar, a tomada de consciência não somente por parte da sociedade, mas também por parte dos profissionais que atuam na educação básica e superior, onde estes possam oferecer um melhor atendimento e apoio em seu processo de ensino. Desta forma, a aquisição da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais em espaços não formais se traça por meio da efetivação e do diálogo entre todos. Enfim, enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, sempre haverá o uso de sinais.

Agradecimentos

Ao Programa Institucional de Extensão - PROGEX/UEA, por ter nos possibilitado e financiado este projeto. A Professora Francisca Keila de Freitas Amoedo que teve sua parcela de colaboração, a Deus por ter nos concedido as nossas vidas e a todas as nossas famílias.

Referências

ALVEZ, C. B. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez** / Carla Barbosa Alvez, Josimário de Paula Ferreira, Mirlene Macedo Damázio. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010. v. 4. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar).

BRASIL, MEC. **Portaria nº 1679 de 02/12/1999.**

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de linguística e filosofia, 1995.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva com os pingos nos is**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva**. Contextos Sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003. Disponível em: <www.ines.org.br>. Acesso em: Nov. de 2013.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: A Universidade e as pessoas com deficiências**. Maio/2001 (mimeo).